

Carta do editor

CONTEXTUALIZAR É PRECISO GENERALIZAR NÃO É PRECISO

Essa foi a idéia que me ocorreu ao preparar esta edição de *Linguagem & Ensino*. Já há muito tempo abandonamos a idéia de uma verdade universal e optamos por versões locais e atuais da nossa realidade. Cada um tem a sua verdade, que poderá ser somada à verdade dos outros, constituindo, assim, uma verdade diversificada; se um dia chegarmos a uma verdade universal, não será uma verdade uniforme, mas híbrida, na medida em que terá suas origens no cruzamento de verdades diferentes.

A grande ameaça e o grande perigo para a construção do nosso conhecimento em Linguística Aplicada é a grande tentação que temos de impor a nossa verdade, altamente contextualizada, como se fosse a verdade de todos. Antes de globalizar, temos que contextualizar.

Ligado a tudo isso, está o risco de generalizar – não só da amostra para o universo, mas também de uma situação para outra, mesmo que envolvendo o mesmo sujeito. Perguntamos a um professor de língua estrangeira, por exemplo, como são suas aulas e ouvimos a resposta de que ele trabalha com uma metodologia comunicativa com ênfase na interação social.

Corremos aí dois riscos: o primeiro é o de ouvir o que queremos ouvir; o segundo é que o professor entrevistado diga justamente o que gostaríamos de ouvir. E então concluímos, sem observar suas aulas, que o professor usa uma abordagem

sócio-interativo-construtivista ou algo parecido. Conclusão? Gostaria de fazer uma provocação: observar é preciso; entrevistar não é preciso.

NESTA EDIÇÃO

Na parte das pesquisas, começamos com as crenças dos professores, tanto de língua materna como de língua estrangeira, com o questionamento da gramática em oposição à produção textual. A ênfase na produção textual continua nos trabalhos seguintes, indo da aprendizagem do professor ao conhecimento textual dos campesinos. Concluímos com um estudo sobre a questão da pronúncia e da compreensão em língua inglesa.

Na parte dos ensaios, também balançamos entre a língua materna e a língua estrangeira, começando com um trabalho de revisão da Lingüística Aplicada, passando pela leitura e concluindo com a contribuição da Lingüística de Corpus na elaboração de material didático.

As pesquisas

Fábio Madeira, em *Crenças de professores de português sobre o papel da gramática no ensino de língua portuguesa* investiga a visão dos professores do ensino fundamental e médio sobre os objetivos do ensino da gramática nas aulas de língua materna. Confirmando o que já foi percebido em outros estudos, os professores, em seu discurso, manifestam uma preocupação em romper com o ensino tradicional da gramática. Embora alguns ainda vêem o texto como um pretexto para o ensino da gramática, percebe-se uma intenção em mudar para um ensino mais contextualizado, usando não apenas o livro didático, ou mesmo paradidático, mas outros suportes textuais, como jornais

e revista semanais. Uma limitação, a meu ver, no estudo de Fábio Madeira, é que os sujeitos pesquisados eram professores em cursos de formação contínua. Isso me leva a crer que estariam mais propensos a dizer o que ouviam no próprio curso do que aquilo que realmente faziam na sala de aula. Possivelmente tivessem a intenção sincera de mudar, mas ainda acho que se trata de uma suposição otimista.

Elisabeth Kudiess, em *As crenças e os sistemas de crenças do professor de Inglês sobre o ensino e a aprendizagem da língua estrangeira no sul do Brasil: sistemas, origens e mudanças*, faz um estudo etnográfico de dez professores de escolas particulares de línguas. Não apenas entrevista os professores, mas também observa suas aulas, tentando levantar suas crenças, principalmente sobre o ensino da gramática. A conclusão é de que os professores vêem a gramática como um complemento no ensino da língua estrangeira, cuja ênfase está na comunicação. O ensino da gramática, quando feito, no entanto, é feito de modo tradicional, explícito e dedutivo, com explicações do professor na língua do aluno.

Maria Augusta G. de M. Reinaldo e Tatiana Fernandes Sant'ana em *Análise da orientação para produção de texto no livro didático como atividade de formação docente*, concentram-se na produção textual, usando as instruções do livro didático como subsídio para a formação dos professores. Concluem que essas instruções, na medida em que partem de livros analisados e recomendados pelo MEC, podem ter efeito positivo na formação do professor.

Lucília Maria Sousa Romão e Soraya Maria Romano Pacífico, em *A sementeira da palavras: fragmentos de poemas camponeses*, retomam a produção textual a partir de poemas escritos por sujeitos de pouca escolaridade. Na medida em que esses sujeitos usam a língua para falar de seu mundo e re-

sistir, com ela, a invasão dos valores da classe dominante, tornam-se capazes de estabelecer um diálogo com textos consagrados.

O trabalho de Mariangela Braga Norte, *Self-Access Study and Cooperative Foreign Language Learning through Computers*, fixa-se no instrumento de mediação da aprendizagem, analisando, no caso, o papel do computador no desenvolvimento da língua estrangeira. Ao mostrar as experiências de aprendizagem dos alunos, a autora também mostra, a meu ver, o quanto o computador pode contribuir quando bem usado.

Finalmente, o texto de Neide Cesar Cruz, *Minimal pairs: Are they suitable to illustrate meaning confusion derived from mispronunciation in Brazilian learners' English?*, traz uma contribuição importante sobre as limitações dos pares mínimos na inteligibilidade de uma língua estrangeira. A capacidade de distinguir entre *sheep* e *ship* parece ajudar muito pouco se o par não for apresentado dentro de um contexto significativo.

Ensaaios

A parte dedicada aos ensaios começa com o estudo de Maria Cristina Damianovic, *O lingüista aplicada: de um aplicador de saberes a um ativista político*. A autora traça um panorama da evolução da Lingüística Aplicada no Brasil e no mundo, destacando os eventos marcantes dessa trajetória, resgatando momentos importantes de sua evolução no Brasil e mostrando a necessidade do envolvimento político.

João Carlos Cattelan, em *O Leitor e a Leitura: Liberdade ou Autoritarismo?*, faz uma crítica ao que chama de autoritarismo do leitor. Mostrando, através de exemplos do dia a dia e da vida acadêmica, que o sentido é construído através da negociação entre locutor e interlocutor, o autor argumenta que isso

não acontece na área da leitura, onde corremos o risco de sermos interpelados pela leitura dos outros.

Ancorado na Análise de Discurso, Sergio Flores Pedroso, em *Literatura e ensino de línguas não-maternas: uma adequação necessária*, argumenta que a língua estrangeira deve ser aprendida a partir da língua materna, com o uso da tradução. Para demonstrar sua tese, usa recortes de um romance espanhol, incluindo aí também a literatura.

Finalmente, Leonardo Recski, em *Utilizando corpora de aprendizes para a investigação de aspectos discursivos, metodologias de ensino e design de materiais pedagógicos*, traz a contribuição da Lingüística de Corpus para a elaboração de material didático no ensino do inglês como língua estrangeira.

Resenhas

Na seção livre da revista, apresentamos duas resenhas que acreditamos ser do interesse de nossos leitores, tratando, uma, de um livro sobre a construção do conhecimento na aprendizagem escolar e a outra sobre a leitura.



Vilson J. Leffa
Editor